

MUSEU DA PESSOA



Museu da Pessoa

Uma história pode mudar seu jeito de ver o mundo.

20 Anos do Projeto Esporte Talento (PET)

Um sonho em três partes

História de [Gregory Gracia](#)

Autor: [Museu da Pessoa](#)

Publicado em 18/09/2015

P1 – Gregory, pra começar eu queria que você falasse pra gente o seu nome completo, o local e a data do seu nascimento.

R – Meu nome é Gregory Gracia, nasci em São Paulo, no dia 14 de fevereiro de 1985.

P1 – E o nome dos seus pais?

R – Rosângela Aparecida de Oliveira Gracia e Cleider Gracia.

P1 – Você sabe como eles se conheceram.

R – Não sei, não sei.

P1 – E você sabe a origem da sua família?

R – Então, meus bisavôs por parte de pai, meu bisavô nasceu num período em que... o lugar onde ele nasceu pertencia à Áustria, e posteriormente passou a fazer parte da Alemanha. E minha bisavó era italiana, então por parte de pai eu tenho essa via... a minha avó paterna e do meu avô paterno são espanhóis. Por parte de mãe somos miscigenação brasileira mesmo, português, com índio, com negro.

P1 – E você tem contato com os seus avós?

R – Então, meus avós por parte de pai já são falecidos, meus avós por parte de mãe são vivos, moram comigo, moram em casa. Tiveram problemas de saúde e acabaram indo morar com a gente. Convivi um bom tempo com a minha bisavó paterna, com a mãe da minha avó. Eu nasci em fevereiro de 85 e meu avô faleceu em abril de 85, então tive a possibilidade de coexistir com alguns dos meus familiares.

P1 – Fala pra mim um pouquinho dos seus pais. Como eles são?

R – Meu pai tem um jeito mais fechado, assim, superamigo, parceiro, acompanha a minha vida, sempre que possível esteve presente, né, em cada fase, cada momento, mas é mais fechadão, no jeito dele. Se for procurar pra conversar ele vai conversar, vai orientar, vai dar conselho, vai bater um papo, mas se for procurar. Minha mãe já é o oposto, super expansiva, fala pelos cotovelos, gosta de conversar com todo mundo, sempre percebe se não tem alguma coisa muito legal. Ela vem e pergunta: “Como é que tá?”, não sei o que, “Como é que eu posso ajudar?” Dá sugestão: “Tenta por aqui, tenta por lá.” Então eles são... é meio que os opostos se atraem, né.

P1 – E qual a profissão deles?

R – Meu pai é economista de formação, trabalha hoje no ramo alimentício, trabalha com representação comercial. Minha mãe não tem graduação mas trabalha também no ramo alimentício, ela é supervisora de vendas de uma empresa que trabalha com alimentos.

P1 – E você tem irmãos?

R – Tenho irmãos. Sou filho do segundo casamento do meu pai, então do meu pai com a minha mãe eu tenho um irmão mais novo, tem 25 anos, chama-se Igor. E do primeiro casamento do meu pai a história é bem interessante. Enquanto eu era pequeno existia um contato do meu pai e da minha mãe com os meus outros irmãos, né, até o momento em que foi solicitado o pátio poder do meu pai pra ex-esposa dele, pro marido da ex-esposa dele. E aí, mais ou menos por volta de uns 20 anos, nós ficamos sem contato com esses meus irmãos. Há dois ou três anos, dois anos minha avó, mãe do meu pai faleceu, e ela foi quem levantou a vida inteira a bandeira de: “Retomem o contato.”, né, com os meus irmãos. Ela faleceu e, por esse motivo, a gente entrou em contato pra avisar que ela tinha falecido, e começou um movimento de reaproximação. Então, hoje, em janeiro um dos meus irmãos faleceu, teve um problema de saúde e acabou falecendo, mas a gente se uniu ainda mais. Então hoje somos em quatro irmãos vivos e um que se foi.

P1 – Descreve pra mim a casa onde você passou a sua infância.

R – Eu nasci em São Paulo e com dois anos o meu pai foi transferido. Trabalhava na Unimed de São Paulo, foi transferido pro Rio de Janeiro pra começar o processo de implementação da Unimed Rio. E aí eu fui morar lá, com dois anos, vivi dos dois aos nove anos lá e depois voltei pra São Paulo.

P1 – Não pegou o sotaque?

R – Não. Não sei se eu posso dizer, felizmente não, mas não. (risos) TV com chiado. Acabei... algumas histórias são engraçadas desse processo, né. Eu nasci em São Paulo mas a gente morava no Taboão, bairro Taboão. Tinha um vizinho de porta, assim, então eu tinha quase dois anos e ele tinha mais ou menos a mesma idade, brincávamos no tanque de areia do prédio juntos. E aí, muitos anos depois, quando eu voltei pra São Paulo eu fui morar numa casa que era na frente da casa dele, num outro bairro totalmente diferente. Fizemos amizade, mas nossas mães não se reconheceram. Depois de muito tempo acabou se descobrindo a história toda. Mas aí foi esse processo, morei em prédio, em apartamento até.. em São Paulo e enquanto eu morava no Rio. Depois que eu voltei pra São Paulo eu morava em casa. Então, no Rio eu morei no bairro do Leblon, então tenho algumas imagens muito nítidas na minha cabeça, tanto do apartamento, quanto de visão da janela, assim. Eu era super pequeno mas tenho algumas lembranças. Depois mudamos pra Niterói e aí eu morava a duas ou três quadras da praia, então brincava e tudo. Uma época muito boa, tenho muitos amigos nessa época, que a gente tem contato ainda. Pouco nos vemos, mas temos um contato que é bem próximo. Hoje a tecnologia facilita muita coisa, mas a gente consegue manter esse contato e essa amizade, mesmo à distância. Aí voltando pra São Paulo vivi em diferentes casas, mudei muito de casa, cada uma com o seu jeito, uma fase da família, bem bacana. Mas eu acho que o que pautava aí esse processo de infância, independente de onde eu morava são as amizades e a possibilidade que eu sempre tive de brincar. Acho que isso é muito legal, eu tive a infância de brincar muito boa, muito legal. Isso acho que tem um impacto direto hoje no trabalho que eu faço e venho fazendo enquanto profissional aí. Então o brincar está sempre muito presente aí, acho que essas experiências contribuíram muito pra isso.

P1 – E quais eram essas brincadeiras aí?

R – Ah, a gente brincava de tudo, jogava taco, esconde-esconde, pega-pega, jogava bola, brincadeiras que podiam ser feitas na praia, então desde o nadar no mar, frescobol. Então, muitas dessas brincadeiras do ar livre, do brincar livre. Acho que nesse sentido, acho que em geral são essas brincadeiras aí.

P1 – E seu irmão te acompanhava nessas brincadeiras, esse irmão mais novo?

R – Muitos dos amigos do meu irmão são... na verdade são meus amigos em termos de faixa etária, né, então, amigos de colégio, amigos de faculdade alguns, que hoje são amigos dele, né, por conta desse acompanhar sempre. Então ele estava sempre junto.

P1 – E qual a sua primeira lembrança de escola?

R – Lembrança de escola. A...

(pausa ruidos)

P1 – Então vamos lá. Fala pra mim a sua primeira lembrança de escola.

R – Lembro de onde eu estudei, do espaço, de como era, a entrada, assim, mas uma coisa que me chamou muita atenção: antes da primeira série tinha uma turma que se chamava Alfabetização, então eu fui alfabetizado nesse processo. Eu tinha uma professora que chamava-se Leila, uma relação muito legal e o que a gente fazia, o que a gente brincava, como eram essas atividades de pintar, de reconhecer letra, de juntar letra e de: “Caraca, isso é uma palavra! Aprendi uma palavra, agora eu sei uma palavra.” Então eu acho que essa é uma lembrança muito forte, muito legal. E tinha uma formatura, terminava a alfabetização e tinha uma formatura antes de ir pra primeira série e eu tenho um livro que eu ganhei dessa professora nessa época. Tenho até hoje e de vez em quando eu pego ele pra ler e relembro algumas coisas. Acho que é umas das lembranças mais fortes que eu tenho. E aí depois eu fiz a primeira e a segunda série no Rio, no Rio de Janeiro, numa escola Lassalista, uma escola que estava, de uma certa maneira, vinculada a religiosidade e que onde eu fiz amigos muito grandes ali, nesse pouco tempo. Era uma escola muito grande, muito legal, com um trabalho de educação muito forte e que ainda é forte lá. Então são experiências muito boas.

P1 – E quando você voltou pra São Paulo você estava mais ou menos com quantos anos?

R – Eu tinha nove anos quando eu voltei pra São Paulo.

P1 – E como é que foi essa volta, deixar os amigos, foi tranquilo?

R – Foi bem complicado, bem complicado. Era toda uma fase de adaptação de novo, né. E, querendo ou não, as minhas lembranças de São Paulo eram lembranças de férias, né, toda minha família estava aqui, os outros parentes, né, estavam todos aqui. E aí eram os meus amigos lá e os meus parentes aqui. Então, na volta... voltar a ter contato com os parentes foi muito bom, mas a distância com os amigos foi complicado. A tecnologia não favorecia tanto quanto hoje, então algumas poucas vezes eu voltei ao Rio pra tentar manter, ou esses amigos tinham familiares em outros estados e passavam por São Paulo, pernoitavam em casa e seguiam viagem. Então, ainda uns três ou quatro anos a gente manteve um contato muito próximo e físico mesmo, de ver as pessoas. E depois foi distanciando um pouco mais, ficando mais espaçado, mas aí vieram outros recursos pra ajudar, mas nesse...

P1 – Desculpa. E você chegou a praticar algum esporte na escola?

R – Então, com dois anos eu comecei a fazer natação, logo que... aqui em São Paulo ainda. Fui pro Rio e continuei fazendo natação, com quatro anos eu fui colocado pra fazer judô, então eu fiz judô dos quatro aos catorze anos, por um bom tempo. Já me salvou de várias enrascadas (risos). Fiz natação por um bom tempo. Lá no Rio, além das minhas aulas de educação física, a escola tinha um campeonato de futebol, do primeiro e segundo ano, era formado por alunos de diferentes salas e os pais eram os treinadores. Então eu joguei esses dois anos, meu pai era o meu treinador. Foi algo muito bacana, talvez seja a única experiência em esporte coletivo que eu tenho, que é o futebol. E depois, quando eu vim pra São Paulo, o futsal, que era o que a escola oferecia como modalidade esportiva possível ali.

P1 – E como é que era ter um pai treinador?

R – Era bem bacana. Eu sempre fui analfabeto dos dois pés, então nem o pé direito nem o esquerdo: “Vai jogar no gol, né.” Então era goleiro, era um bom goleiro, razoavelmente um bom goleiro. E ter meu pai por perto era muito bacana, sempre vinha com dicas com sugestões e eu percebia o como ele separava as coisas. Então: “Aqui eu sou eu técnico, não sou o seu pai. Então eu trato você como eu trato todos os outros.” Terminando aquele momento: “Não, eu sou seu pai. De vez em quando seu pai dá sugestões lá pro futebol também.” Então era bem... ele conseguia separar esse momento, isso era bem legal, me ajuda a... quando eu trago pros dias de hoje, onde eu trabalho hoje tem amigos pessoais trabalhando, então isso me ajuda muito a separar as coisas. Olhar, por exemplo, lá de trás ele conseguiu fazer essa separação da mesma forma.

P1 – E aí você veio pra São Paulo, ficou um pouco mais velho. Já na adolescência quais eram as amizades? O que vocês faziam pra se divertir?

R – Sempre fui um cara de poucos amigos, mas grandes amigos, e o que a gente gostava de fazer era: “Puxa, vamo pro shopping? Vamo prum parque? Um cinema?” ou “Vamo todo mundo pra casa? Vamo pra casa de alguém?” Então era um grupo que tinha características muito parecidas, assim, então era um grupo que gostava de estudar, fazia tudo quanto é coisa de escola junto e que saía pra se divertir, pra ir ao cinema, pra ir ao shopping, pra comer alguma coisa juntos. Então, a minha fase de adolescência foi uma fase muito tranquila, assim, então às vezes: “Ah, adolescência? Ahh!!!” Então a minha adolescência não foi tão assim, a minha adolescência foi bem tranquila.

P1 – E nessa época você já tinha alguma ideia do que você queria fazer?

R – A princípio... em termos de formação acadêmica?

P1 – Isso.

R – Na minha sétima e oitava série eu me envolvi nuns projetos de jornal, então eu comecei a ir um pouco pra área do jornalismo ali, tive alguns... tive dois textos publicados no caderno Zap, do Estado de São Paulo, né, que foi mais ou menos nessa época. E tinha uma página que chamava De Criança pra Criança num jornal de Barueri, que se chamava notícias de Barueri. Então foi uma fase meio: “Será que esse é o caminho?” Mas o esporte sempre fez parte da minha formação. Aí, na oitava série eu tomei a frente e assumi a liderança de organizar as olimpíadas da escola onde eu estudava, então o jornalismo foi ficando meio de lado e o esporte foi chegando. Aí, no ensino médio: “Não, eu quero fazer educação física, e tal” Tive um pouco de resistência dos meus familiares, especialmente da minha mãe, né, mas: “Não, eu vou fazer. Quero fazer, é isso que eu quero.” E aí um questionamento que eu já tinha antes de entrar pra faculdade é: “Caraca, o esporte é uma coisa que contribuiu tanto pra minha vida, pra minha formação. Será que dá pra usar o esporte pra contribuir pra vida de outras pessoas e não só esse olhar pro esporte de competição, de alto rendimento, e coisa e tal.” Mas não sabia, não tinha perspectiva de se existia isso ou se não existia, né. Aí prestei vestibular e tudo, entrei. Eu fiz Educação Física no Mackenzie, né, e lá eu tomei contato com: “Caraca, a gente tem pedagogia em Educação Física, a gente tem psicologia em Educação Física, sociologia em Educação Física.” Comecei a perceber o quanto tinha outras áreas dentro desse processo de formação até tomar contato, no terceiro ano de curso, com as vagas de estágio do Projeto Esporte e Talento, que estavam em aberto. A Paula Korsakas foi minha professora na faculdade e foi quem: “Gente, tem umas vagas lá, estão divulgadas no mural de vagas da faculdade, não sei o que. Dêem uma olhada.” E quando eu cheguei no Esporte e Talento eu falei: “Caraca, era isso que eu pensava lá atrás.” De pensar como é que eu consigo juntar o esporte com o processo de formação, de educação. Acho que eu entrei no lugar certo, achei o que eu queria e as respostas pras minhas perguntas, né. O duro foi que eu... o duro não, acho que isso... eu entendo isso como algo positivo, foram vindo várias novas perguntas. Algumas delas ainda não tem respostas e outras me ajudaram a encontrar respostas e buscar outros caminhos. Então, só pra situar no tempo, eu entrei no Esporte e Talento em 2006, fiquei o ano de 2006 e o ano de 2007 até dezembro. Aí me formei e tive que me desligar daqui.

P1 – Tá. Vamos pegar esse processo inteiro e vamos lá pro começo. Eu queria que você me dissesse, desse período de faculdade, se você lembra aquela fase de vestibular. Isso te atormentou?

R – Eu sempre gostei muito de estudar, então o vestibular pra mim não era um bicho de sete cabeças. Eu fui muito certo, junto com o terceiro ano do colégio eu prestei USP, pra Educação Física, passei na primeira fase, fiz toda a segunda fase e às vésperas das provas práticas eu tive uma lesão e não teve jeito. Fui bem na teórica, mas a nota da prática foi bem ruim. Mais ou menos nesse período, em 2002, eu fiz o curso de arbitragem. Então, só pra voltar um pouquinho no tempo, meu irmão jogava basquete e aí me convidaram pra apitar: “Ah, você sabe regra de basquete?” “Não, não sei, mas eu me viro.” “Vem apitar.” Apitei o torneio interno, uma árbitra da federação paulista de categoria internacional me viu apitando, me convidou pra fazer o curso, em 2001. Aí em 2002 eu fazer o curso, abri a turma, né, eu fui fazer o curso e comecei a apitar em 2003. Então as coisas vão, paralelamente, caminhando ali. Eu perdi o fio na volta.

P1 – Mas vamos lá, agora eu gostaria... que tipo de campeonatos você apitava?

R – Bom, em 2002, quando saiu o curso... você sai do curso de arbitragem, você sai como estagiário, né, e começa a apitar os campeonatos que são festivos, então até doze, treze anos é o que a maior parte dos árbitros que são recém-formados vão atuar. E aí, dessa experiência foram surgindo outras perguntas, né. Eu não consegui entender ou ter uma visão um pouco melhor de: “Caraca, o cara que, teoricamente, é o menos preparado...” Pensando que o árbitro, ele está no seu início de processo de prática de arbitragem: “...é o que vai atuar no começo da iniciação esportiva daquele garoto, daquela menina.” Então isso ainda é um questionamento que lateja na minha cabeça. A gente coloca os mais novos pra apitar os mais novos, né. De que maneira essa interferência pode acontecer, se é que ela existe? Então eu apitava esse tipo de campeonato, alguns outros jogos de mais velhos, mas que era uma oportunidade ou outra. E aí, rapidamente eu fui evoluindo dentro da arbitragem, então eu fiquei 2003 como árbitro estagiário. A categoria seguinte chamava-se segunda categoria, aí em 2004 eu virei árbitro de segunda categoria e em 2005 árbitro de primeira categoria e aí fiz uma clínica pra virar árbitro nacional, em 2010. E no ano passado eu fiz uma clínica pra me tornar árbitro internacional e fui aprovado, no finzinho, em novembro do ano passado. E aí, ao longo desse processo, fui apitando jogos mais complexos, jogos de categorias maiores. Então, hoje, eu apito desde a categoria de base, do sub-12 em São Paulo ao NBB, que é o campeonato adulto masculino. Então, todas as categorias que estão aí no meio do caminho, masculino e feminino.

P1 – Fala pra gente como é que funciona. Você é contratado pela federação pra jogos específicos? Como é que se dá essa relação?

R – Não existe um processo de contratação formal, né, somos prestadores de serviços. Então, tendo a capacitação, que é o curso, você faz o seu cadastro na federação e a federação te escala pra apitar os jogos conforme a necessidade, a demanda dos jogos e o grau de conhecimento e de experiência do árbitro. E aí vai fazendo esse processo nas diferentes esferas. Então a federação paulista é responsável pela modalidade no estado, a confederação brasileira em âmbito nacional e aí hoje nós temos duas ligas: a Liga Nacional de Basquete, que organiza o campeonato adulto masculino e o sub-22 masculino, e a Liga de Basquete Feminino que é uma criação mais recente, que hoje organiza o campeonato, feminino, adulto feminino.

P1 – E tem alguma história de arbitragem que você queira contar pra gente, que tenha te marcado, que você ache engraçado, alguma coisa assim?

R – Tem uma história muito engraçada. Eu falei que o judô me salvou algumas vezes, né, uma delas eu estava apitando. Em São Paulo, nós temos os jogos regionais que acontecem ali no período de julho, e eu estava indo pra primeira edição de jogos, né, isso devia ser 2005 mais ou menos, 2005 ou 2006, não me lembro exatamente a data. E tava apitando um jogo super pegado, tendo, eu era o árbitro da partida, apitávamos em dois na época. Se não me falhe a memória era Mogi das Cruzes e Taubaté, masculino sub-21, eu acho. E jogo vai, jogo vem, aquele jogo pegado, parelho, com muito contato e tal. Um pedido de tempo, me reuni com meu companheiro, as equipes nos bancos de reservas ali, nas suas áreas de banco. Repõe a bola, tal, não sei o que. Vai o ataque, volta o ataque, fui sair num contra-ataque tinha... os jogadores da equipe de Mogi tinham derrubado água em cima da linha, não dava pra ver. A hora em que eu fui fazer a tração com o pé de trás o pé subiu. Judô: rolamento pra frente, levantei, saí correndo e apitei uma falta. E aí foi muito engraçado porque o ginásio inteiro fez: “Ó! Óóóóóó...” (risos) E aí foi muito engraçado, ainda levantei, saí correndo e apitei uma falta na sequência. Os jogadores vieram: “Tá tudo bem? Tudo bem?” não sei o que. Aí pára, seca a quadra e tudo. Mas é uma das passagens mais engraçadas. Uma outra, que é engraçada também, poderia ser trágica, mas hoje é cômica. Eu estava apitando jogos industriários no SESI de Osasco, a final da competição. Era o jogo que decidia, o classificado ia disputar a etapa regional da região sudeste, um campeonato com perspectivas, o nacional e uma etapa mundial, né. E jogo vai, jogo vem, não sei o que, párárá, párárá, no finalzinho do jogo eu apitei a quinta falta de um jogador. No basquete, quando ele comete a quinta falta ele tem que ir pro banco e não pode mais jogar. Ele não é expulso, mas ele não pode mais jogar. Muita reclamação e tal, não sei o que, o jogo empatou, foi pra prorrogação e a equipe que estava perdendo ganhou o jogo. Aí chegou no fim de jogo, é óbvio, a culpa é do árbitro. E aí jogadores da equipe que perdeu vieram pra cima pra tentar agredir e tal. Meu companheiro de arbitragem, que era bem mais experiente... eu tinha, sei lá, uns 19 anos, 20 no máximo: “Não, não, ninguém vai bater no moleque, ninguém vai bater no garoto.” e tal, tentando afastar. E aí eu fui saindo pra porta de emergência, né, e abro a porta, bato a porta e pernas pra que te quero. Cheguei na porta e a saída de emergência tava trancada. Ficamos encurralados num canto ali e aí eu vi um espaço, era a única opção que eu tinha, era correr. Saí correndo e dei de cara com um jogador que armou pra dar, passei por baixo, a cadeira de substituição eu saltei por cima da cadeira, caí em cima da mesa, saltei a mesária e corri pro vestiário. Aí o segurança já: “Não, não, entra no vestiário, entra no vestiário!” Fui entrar no vestiário masculino: “Não, se entrar no vestiário masculino não tem o que fazer, os caras vão entrar aí. Entra no vestiário feminino.” Tinha a final do vôlei na sequência, vôlei feminino. Entrei no vestiário e um monte de mulher de top, de sunga: “Ahhh!!!” Começou uma gritaria e a gente: “Não, não, é o árbitro de basquete, estão querendo pegar ele, não sei o que.” Aí a mulherada entrou tudo nas cabines e eu sentado de castigo lá no vestiário feminino, virado pra parede. “Não, a gente vai sair porque precisa ir pro jogo e tal.” Aí faz relatório e tudo. E o filho do árbitro que tava comigo estava assistindo o jogo, eles entraram no vestiário com uma cara de espanto: “Tá tudo bem? Tudo bem?” E o mais novo, devia ter uns seis, sete anos: “Nossa, você vai me ensinar a pular a cadeira daquele jeito!” não sei o que. Muito, muito engraçado. Poderia ter sido trágico, mas uma experiência cômica aí. São duas experiências, duas histórias engraçadas, legais de contar, da arbitragem.

P1 – Agora, só pra gente não perder o fio, a gente estava falando de faculdade e você comentou que, em determinado momento a Paula foi sua professora. Fala um pouquinho mais.

R – Isso. Foi uma única e exclusiva oportunidade, ela não era a professora que dava base de aulas psicológicas, o professor faltou e ela foi substituí-lo, então foi o primeiro contato que eu tive com a Paula. Aí, nessa oportunidade ela comentou um pouco sobre o Projeto Esporte e Talento, que tinha algumas vagas em aberto, que a gente buscasse essas informações no painel da faculdade. Eu fiz o processo, manda currículo, tal, participa do processo de seleção, entrevista, dinâmica de grupo e tudo, e acabei sendo contratado.

P1 – Você lembra do seu primeiro dia aqui?

R – Eu lembro do processo seletivo, do primeiro dia, exatamente, eu não lembro

P1 – Fala do processo então.

R – Do processo... tinha bastante gente no processo, então acho que foram uns dois dias de dinâmica e terminava com uma entrevista. Dinâmicas de identificação: “Pegue alguns materiais que estão aqui ou livros e identifique, explica o por que, fala um pouco das suas características. O que é educação pra você?” Então era uma coisa um pouco mais descritiva e terminava com uma entrevista. E a minha entrevista foi feita com a Thatiana Freire, né: “Ah não, uns 30, 45 minutos a gente finaliza aqui.” Nós ficamos duas horas e meia conversando. Então eu lembro bem do processo, dessas etapas do processo e logo na sequência ela me deu um feedback positivo de que tava contratado, né, fazer os processos de contratação. Então foi bem bacana. Em relação ao começo, ao primeiro dia em si, não, mas com certeza é característica pessoal essa ansiedade e tudo, de criar expectativas, ainda mais em um contexto em que, aquele meu questionamento antes de entrar na faculdade tinha a possibilidade de ser respondido, ou de pelo menos encontrar um caminho ou uma alternativa que fosse bacana, que era essa questão de associar a prática esportiva ao processo de formação, ao processo educativo, de educação. E aí o trilhar por aqui foi muito, absurdamente agregador. Essa ideia do planejar, do colocar em prática aquilo que a gente aprende dentro da faculdade, de colocar a mão na massa, de fazer intervenções, de: “Caraca, eu tenho que intervir aqui. Que recursos eu tenho?” Então, de buscar mais conhecimento pra dar conta do que surgia e essa ideia de visão... a ideia de visualização de um processo, né, então não é: “Você vem aqui e faz isso e o resultado é imediato.”, né, é um processo de formação. E são crianças e adolescentes que estão sob nossa responsabilidade, então: “Que responsabilidade é essa? O que a gente oferece? Qual o tipo de contexto da onde essas crianças e adolescentes vem?” Então os movimentos iniciais eram de capacitação e de formação em relação a metodologia, em relação ao trabalho, a ideologia, a história do Projeto Esporte e Talento. Então tudo isso fez parte desse movimento inicial de adaptação, de capacitação e formação, né, pra poder, efetivamente, um mês, um mês e pouco depois iniciar com as atividades e com a condução dessas atividades. Esse processo de supervisão e de suporte da equipe de coordenação era um ponto muito positivo, então a gente tinha suporte no momento em que precisasse. E sempre com essa estimulação e sendo desafiados a: “Não, vai lá e faz, vai lá e tenta. Se não der esse caminho a gente senta conversa e pensa em outro.” Então eu acho que isso foi muito legal, uma autonomia supervisionada. Então a gente tinha autonomia pra executar, pra tentar, pra realizar, pra organizar, mas com o suporte que era necessário pra quem tá no processo de formação universitária.

P1 – E você comentou pra gente de toda essa preparação pras atividades. Fala pra mim um pouquinho sobre as atividades. Quais eram as atividades quando você entrou? Quais eram as atividades... que crianças eram atendidas? Tinha alguma faixa etária específica?

R – Eu entrei pra trabalhar com um grupo de adolescentes, que era o grupo Unidos, que tinha ali adolescentes de 13, 14 e 15 anos, mais ou menos. E com o foco na aprendizagem de modalidades esportivas. Então, ao longo dos dois anos em que eu estive aqui, a gente fazia um processo com eles de experimentar diferentes modalidades em um período de um mês e meio, dois, e criar um cronograma de modalidades em que eles gostariam de se aprofundar. Então, dentro dessas possibilidades de vivência, a gente brinca que tem o quarteto fantástico, futebol, basquete, vôlei e handebol, mas aqui eu tive a oportunidade de trabalhar com ginástica, com ginástica artística, canoagem, atletismo, badminton. Então foram algumas práticas que surgiram e que eram curiosidade dos educandos que nós tínhamos na época. E: “Não, quais são as curiosidades que vocês tem? O que vocês querem experimentar?” Judô, caratê, então eu tive que buscar muito conhecimento, muita informação pra poder oferecer um mínimo de vivência ali e, se eles optassem “A gente quer aprender isso.”, ia ter que correr mais atrás ainda. Que foi o que aconteceu com a canoagem. Então foi um grupo que fez uma vivência de canoagem na raia olímpica da USP e optou em querer aprender mais. E aí: “E agora, pra onde eu corro?” Não corro, tenho que ir remando, não tem jeito. E aí fui buscar conhecimento, buscar capacitação, fazer um minicurso pra trazer o mínimo de conhecimento pra eles, pra que essa experiência fosse substancial, tivesse conteúdo. Não só cara de conteúdo, mas que tivesse conteúdo. E foi muito bacana. Então, todo esse processo do ensino, realmente. Eram turmas que tinham em torno de 25 adolescentes ali, trabalhava um estagiário de Educação Física e um estagiário de Psicologia, né, com um coordenador do projeto, oferecendo essas atividades aí, em torno de uma hora e meia, duas horas, nos diferentes espaços. Então a gente organizava um projeto pedagógico ou alguns projetos pedagógicos ao longo do ano, né, que tinham como finalidade organizar o processo de aprendizagem, mas dar conta de questionamentos e curiosidades e do querer saber desses adolescentes. E aí as coisas fluíam, a gente ia ajustando, então tem várias coisas... vocês devem ter visto, na sala de leitura tem alguns troféus expostos ali com a estrelinha do PET, futebol, vôlei, tal, são troféus que foram produzidos por eles na turma em que eu estava. Então são... é legado eu estar aqui (?), o próprio mascote de papel marché é dessa época, foi construído, elaborado nessa época. Manual com atividades, livros com atividades, eram sempre produtos que surgiam desse projeto pedagógico. Então a gente conseguia utilizar a atividade física como sensibilizador de várias coisas, como ferramenta de trabalho, do processo de formação, e que geravam um produto. Então o pré-lançamento do manual de atividades do Unidos 2007, um coquetel e tal: “Vamos fazer!” Então foi bem... foram dois anos de muito aprendizado aqui, de arregaças as mangas, de trabalhar muito, de correr atrás e de perceber que quanto mais a gente corre atrás mais a gente vê que tem correr mais ainda.

(pausa)

P1 – Como é que foi, Gregory, o seu contato com profissionais de outras áreas dentro do projeto?

R – Foi muito importante perceber essa complementaridade das áreas, então a gente... como eu falei, quando a gente entra na graduação e

começa a ver que tem bases sociológicas, bases pedagógicas, bases psicológicas, a gente vai percebendo como as áreas se conversam, né. E trabalhar com profissionais de outras áreas é conversar, não é ver como se conversa, é realmente conversar. Então trabalhávamos um estagiário de educação física e um de psicologia e aí a gente tinha pedagogia transitando, passando em diversos momentos, teve época de nós termos graduandos de artes cênicas, artes plásticas, então que era um outro movimento e que a gente recorria a esses profissionais numa tentativa de que eles não fosse uma equipe anexa, mas que eles fizessem parte de uma mesma equipe ali e que pudessem transitar de maneira livre, como a gente transitava. Isso foi muito importante, tanto que desses contatos que eu tive, especialmente com os profissionais da psicologia, eu fui buscar especialização em psicologia do esporte. Com dois olhares: um da arbitragem e o outro do trabalho no terceiro setor, que era o que eu fazia aqui e depois, quando eu saí do Projeto Esporte e Talento. Então essa articulação e essa expertise de cada uma das áreas se complementando é essencial, a qualidade do trabalho aumenta muito e aquilo que a gente pode oferecer por público que é atendido aumenta demais.

P1 – Você trouxe algumas fotos pra gente em que você está com o uniforme do projeto e tal. E tem o Senninha ali.

R – Sim.

P1 – Fala um pouquinho pra mim sobre essa parceria com o Instituto Ayrton Senna. Como funcionava, você sabe?

R – A gente tem... o embasamento metodológico vem do Instituto, que é o livro Educação pelo Esporte, e que a gente tenta fazer sempre esse movimento de transferência e de aplicação prática daquilo que são princípios teóricos, são pressupostos teóricos. Em termos de contato eu acho que eu tive duas experiências de maior proximidade com o instituto. Uma, que foi o processo de avaliação do projeto, então nós conduzimos o preenchimento de instrumentos que educandos fizeram, que estagiários fizeram, então foi um movimento de tentar compreender como é que estava o desenvolvimento do trabalho, né, e quais eram os novos rumos e diretrizes que pudessem ser tomados. E outro, nós tivemos a possibilidade de... eu não fui, mas participei do processo de seleção de educandos pra fazerem, participarem de um evento organizado pelo instituto, pelo Instituto Ayrton Senna. Então a gente tem essa ideia ampla do que é o Instituto, de qual era o vínculo em relação ao aspecto financeiro, ao aspecto metodológico. A gente tinha uma visão ampla, isso era compartilhado com a gente. Não era uma visão aprofundada, era uma visão mais panorâmica, mais geral de como era essa relação, mas entendia o instituto de uma perspectiva maior do que o Projeto Esporte e Talento, que tinha outras frentes e outras... música, artes, outros tipos de artes, com o próprio foco na educação em si. Então a visão que a gente tinha era essa mais panorâmica mesmo e algumas ações pontuais. Um grupo que a gente teve, que foi participar do Ayrton Senna Racing Day, que também tinha vínculo com o instituto, então são possibilidades nesse sentido.

P1 – Fala um pouquinho pra mim, as crianças, esses educandos eles participavam de competições?

R – Sim. Fazia parte dos projetos pedagógicos que eram desenvolvidos a organização e ou a participação em eventos organizados por outras instituições. E que geravam pra gente sempre momentos de preparação e de entender qual era a demanda daquele evento e como é que os educandos precisavam se preparar pra chegar. A construção de objetivos, então: “A gente vai com o objetivo de ser primeiro lugar nesse tipo de competição?” Ou: “Não, vamos participar de um festival onde todo mundo sai com uma medalha e leva o símbolo, a medalha pra casa.” ou: “Vamos participar de um evento que seja realmente de competição e que tenha colocação e que ganhe medalha primeiro, segundo e terceiro e tenha troféu.” Nos dois anos em que eu estive aqui o grupo sempre organizava no final de semestre um evento interno, então uma competição, um festival, uma competição ou uma gincana esportiva interna. Isso era bem bacana como parte desse processo, até entendendo a competição como parte do processo de formação esportiva e ajudando a gente a transpor e a transferir isso pras outras esferas. Então a participação em competições era algo bastante importante no processo.

P1 – Você pode falar um pouquinho sobre o Olipet?

R – Sim. Acho que eu tenho uma visão de Olipet enquanto membro da equipe do Projeto Esporte e Talento e a visão do Olipet hoje, como representante de uma outra organização que participa do Olipet. Todo esse processo de construção conjunta do Olipet facilitava muito os educandos compreenderem que proposta era essa. Muitas das atividades que foram feitas nos anos de 2006 e 2007, quando eu estive aqui, surgiram do que o grupo Unidos vivenciava, então: “Poxa, se a gente faz... o grupo queria trabalhar com vôlei e com basquete, tem sentido a gente inserir outras modalidades que não o que eles fazem? Ou será que é interessante inserir outras modalidades pra eles se desenvolverem essa curiosidade de aprender essa outra modalidade?” Então essa construção coletiva da olimpíada é muito relevante. E os educandos se sentem parte, se sentem pertencentes desse evento, criadores deste evento, isso é muito bacana. Hoje, numa outra organização, a gente traz a opinião dos nossos educandos nas figuras de coordenação que participavam das reuniões de organização. Então é um evento que a gente coloca sempre no calendário pela perspectiva que ele tem e os aspectos que ele possibilita serem desenvolvidos.

(pausa)

R – Então hoje, nessa perspectiva de fazer o mesmo movimento, de trazer aquilo que os educandos tem interesse, gostariam de ver ou de participar enquanto evento esportivo. Acho que isso é o que faz da Olipet um grande sucesso, que é a construção coletiva, essa organização conjunta, sempre partindo daquilo que foi bom do ano anterior e buscando melhorias e novidades e inovações. Acho que isso é muito legal.

P1 – E como foi pra você, Gregory, o momento de saída do PET?

R – Doloroso. Eu me lembro da nossa última reunião. Então fizemos nossa avaliação do semestre e eu trouxe duas músicas. Eu não tinha as mínimas condições de falar nada naquele momento, então... e sabia que não ia ter, então eu trouxe duas músicas. Uma era Boa Sorte, Vanessa da Mata com Ben Harper, que fala desse processo, né: “É só isso, não tem mais jeito, acabou, boa sorte.” Não tinha jeito, não tinha possibilidade de sair de uma posição de estagiário pra compor a coordenação ou um cargo que fosse intermediário ali. Então isso foi colocado e era colocado

desde o início. Então eu vim preparado pra esse momento de: “Sinto a dor do parto, mas terei que partir, não tem muita alternativa.” E essa música com uma outra música da Whitney Houston, que fala desse processo das crianças, e de trabalhar, de dar suporte, e educação pras crianças, que é bem bacana. Mas foi um processo bacana, de dizer... curtir um luto ali e tentar assimilar todo esse projeto de: “Não tem mais jeito, acabou.” (risos) Isso em dezembro. E aí em janeiro, acho que em janeiro eu vim assinar uma documentação aqui e surgiu um convite de mandar um currículo pra Associação Esporte Solidário. O espaço era dividido, nós utilizávamos espaços em comum, era um parceiro do Projeto Esporte e Talento. Aí eu, em maio de 2008, entrei no Esporte Solidário como educador do grupo de adolescentes, então voltei pros adolescentes. E se alguém me pergunta: “Ah, que faixa etária você gosta mais de trabalhar?” “Com os adolescentes.” Então, não por ser onde eu fui adquirindo experiência, mas pelos desafios que essa faixa etária traz, a capacidade que o educador tem que ter de se reinventar a cada fração de segundo. Eles estão duas jogadas de xadrez à nossa frente e a gente tem que estar a três, senão eles nos engolem, essa é a realidade do trabalho com o adolescente. E é muito legal, me desafia muito. Aí eu fiz essa migração de instituição, mas não de espaço físico, continuei transitando no espaço que o Projeto Esporte e Talento ocupa aqui no CEPEUSP. E foi muito legal. No começo foi algo meio estranho pra mim, de entrar na sala de educadores e: “Putz, eu ainda faço parte de espaço ou não faço mais parte desse espaço? Posso entrar aqui ou não posso entrar aqui?” Como é que o Esporte Solidário sendo uma instituição parceira do Projeto Esporte e Talento e utilizando alguns espaços em comum. Então, antes eu fazia parte da equipe do Projeto Esporte e Talento, então pegar a chave no quadro e abrir a sala era natural, mas agora eu não faço mais parte desta equipe, eu sou um parceiro, eu represento um parceiro. Então a minha relação tem que ser diferente: “Ó, estou pegando a chave.” Então acho que coisas nesse sentido geraram vários pontos de interrogação na minha cabeça até que houve um afastamento estratégico e institucional, pra dar conta de demandas internas. O Esporte Solidário, aí de uns quatro anos e meio pra cá, nós retomamos essa parceria com força total e a gente consegue, enquanto Esporte Solidário, atuar junto com o Esporte e Talento. O público atendido era o mesmo, as comunidades que estão aqui no entorno da Universidade de São Paulo, então nós tínhamos o mesmo público, mesmo embasamento metodológico e que foi um salto, foi uma mudança institucional, foi virar a página da carteira de trabalho, mais ou menos assim. Mas claro que com especificidades diferentes, né, o Esporte Solidário, na época, trabalhava com atletismo e tinha um projeto de natação, então era um vieses bem diferentes e praticamente modalidades que a gente não atuava no Esporte e Talento. Aí foi um novo processo de buscar conhecimento, buscar informação.

P1 – Fala pra mim da sua trajetória no Esporte Solidário.

R – Eu entrei em março de 2008 como educador do grupo de adolescentes, passei acho que depois de dois anos e meio, mais ou menos, a coordenar o projeto de atletismo e comecei a ter uma visão um pouco mais da parte administrativa, ainda que a minha coordenação fosse essencialmente pedagógica, didática pedagógica, mas comecei a me aproximar um pouco mais da área administrativa. Aí eu assumi a coordenação dos projetos esportivos e hoje atuo como diretor de operações. Então eu não estou mais direto lá na prática, no atendimento. Adoro quando um educador tem a possibilidade de faltar porque aí eu volto lá e mato um pouco a saudade dessa experiência, dessa vivência de educador na ponta, mas trabalho nos bastidores ali. Então buscar sempre inovação metodológica, buscar ajustes. Pessoalmente me agrada muito essa perspectiva de formação, então formação com as crianças e adolescentes, formação com a equipe de trabalho, formação de grupos de trabalho. Então, trabalhar nessa perspectiva de formação...

(pausa)

R – Então, eu gosto muito de trabalhar nessa perspectiva de formação com quem quer que seja, me agrada muito pensar em poder contribuir pro processo de formação. Então é algo que se fortaleceu na minha passagem pelo Esporte e Talento e que eu levei pro Esporte Solidário, que a gente foi institucionalizando momentos de formação. É algo que não fazia parte da rotina e que passou a fazer, pela percepção da importância desses momentos. Então, hoje, trabalhar nos bastidores e poder intervir nessa perspectiva de formação pra mim é muito bacana.

P1 – E como você, agora trabalhando numa instituição parceira ao projeto, enxerga a atuação do PET, agora PRODHE?

R – O PET já tinha essa perspectiva e acho que hoje, como PRODHE, ele tem um olhar maior, que é a questão da articulação em rede, acho que essa é a grande sacada do PRODHE, é conseguir articular diferentes organizações, que muitas vezes atendem o mesmo público e às vezes não, que tem metodologias parecidas e às vezes não, mas que tem missões, ou que tem atuações que são muito próximas. E aí o Esporte e Talento faz um baita de um trabalho, mas que precisa ser disseminado. O Esporte Solidário faz um trabalho super legal que também precisa ser disseminado. A Fundação Gol de Letra faz um trabalho bacana, o Sou da Paz e várias outras instituições, mas que cada um fica no seu microcosmo ali. E algo que foi desenvolvido na organização que eu trabalho pode servir ou ser um ponto de partida, ou gerar um reflexo numa outra organização. Então o terceiro setor tem essa dificuldade de articulação entre as próprias organizações. Acho que isso dificulta muito e que é parte do trabalho que o PRODHE vem fazendo há um bom tempo, no sentido de gerar conhecimento, produzir conhecimento e disseminar conhecimento através da articulação entre as organizações.

P1 – Agora indo pra parte mais final, mais pessoal. Você é casado?

R – Não, sou solteiro.

P1 – Fala pra gente o que você gosta de fazer quando você não está trabalhando.

R – Eu me considero um workaholic, então quando eu não estou trabalhando eu estou trabalhando. Sempre tem algo que seja: “Poxa vida...”, to ouvindo uma música no computador, olhando uma notícia: “...putz, isso aqui que pode me ajudar lá numa formação.” por exemplo. O exercício de tentar estabelecer conexões o tempo inteiro me faz me entender dessa forma, então já aconteceu de eu acordar de madrugada com uma ideia na cabeça, pega o papel, escreve rapidinho e volta a dormir. Tanto aqui no Esporte e Talento, quanto no Esporte Solidário, vira e mexe isso acontece. De dormir com uma questão: “Poxa, precisava ter uma ideia entrar não sei o que.” E de repente acordar de madrugada com uma ideia

na cabeça, sabe? Então não desligo. Eu brinco que eu não durmo, eu entro em coma. Se o meu corpo não desligar a chavinha geral lá não vai. Mas é isso, gosto muito... eu sou o tipo de cara que é caseiro, então eu sou super caseiro, gosto de ficar em casa, de curtir a família, de ter os meus amigos em casa ou de ir pra casa dos meus amigos. Sair, ir jantar ou coisas do tipo, isso me agrada muito, então os meus momentos livres são sempre nessa perspectiva de estar com amigos, de estar com a família. Ou de aproveitar aquela oportunidade ou algo que apareça oportunamente e que tenha o link com o trabalho, com o que quer que seja, poder aproveitar e não perder a ideia. Então eu to sempre com um bloquinho de notas por perto porque as ideias vão surgindo e a gente vai aproveitando.

P1 – E você pratica algum esporte?

R – Atualmente não. Gosto muito de correr, a arbitragem me exige um preparo físico razoável, então eu tenho que cuidar da alimentação, tenho que ter algum tipo de prática física, ainda que hoje não seja das melhores possíveis, mas busco sempre estar fisicamente ativo, fazendo alguma coisa. Então sou o tipo de cara que: “Poxa vida, vou até o mercado.” Largo o carro na garagem e vou a pé ao mercado. Então são cinco, dez, quinze minutinhos ali de algum tipo de atividade física. Ou não, há momentos em que tem que: “Se matricule, invista um dinheiro e se cobre o cumprimento do dinheiro investido.” né. Então tem hora em que tem que ser desse jeito, senão a rotina vai engolindo.

P1 – Agora uma pergunta mais reflexiva. Qual você diria pra gente que é o seu maior sonho hoje, de realização pessoal?

R – De realização pessoal? Eu dividiria em três partes. Uma parte mais voltada pra minha questão familiar, então venho pensando em: “Quero ser pai.” Não estou namorando, então é um dificultador, mas plano a curto prazo, não é plano a médio prazo, é plano a longo prazo, então nesse sentido. Hoje eu moro com os meus pais, meu irmão e meus avós, né, e venho nesse movimento de: “Não, está na hora de ter o meu cantinho, de constituir o meu núcleo familiar, de ter filho e tal.” Então sempre foi sonho e acho que hoje é meta, já tem prazo definido, então, nesse sentido. Em relação à arbitragem, então, me tornei árbitro internacional no final do ano passado, então o grande sonho de todo e qualquer árbitro é Olimpíada e Campeonato Mundial, não tem jeito. Quero galgar todos esses degraus. Algo que é muito bacana na minha trajetória como árbitro é subir degrau por degrau, então fui evoluindo em termos de categoria, em termos de complexidade ou nível estadual, nível nacional. Então, cronologicamente, acho que isso me trouxe uma experiência de arbitragem que é bastante sólida, no sentido de vivenciar cada degrau sem queimar etapas, sem pular nenhuma etapa. Acho que isso foi bem interessante. Ai é sonho sim, 2016 tá muito perto, não sei, mas mais pra frente sim, quero viver essa fase de arbitragem internacional, poder me dedicar também a isso. E no aspecto profissional que não é a arbitragem, o Esporte Solidário é uma organização que tem um pouco menos de tempo que o Projeto Esporte e Talento, né, são 15 anos de história, 11 anos com registro, com toda sua parte jurídica organizada, né, e que a gente está num movimento de expansão também, então de poder agregar novos valores, novos projetos. Quando a gente fala em terceiro setor, terceiro setor e instabilidade financeira são coisas que muitas vezes estão bem distantes, mas que a gente consegue profissionalizar o trabalho no terceiro setor. Então a gente está trabalhando no Esporte Solidário pra trazer aquilo que é bom do olhar comercial, da perspectiva de fornecedor e cliente, pra dentro da organização. Então os processos precisam ser feitos como são feitos lá numa empresa de qualquer outro setor. Então eu acho que tudo isso gera o crescimento e eu entendo que o crescimento da instituição possibilita o meu crescimento profissional. Então eu dividiria hoje os meus três sonhos dessa forma.

P1 – Pra fechar, Gregory, eu queria que você falasse como foi a experiência de contar uma pouquinho da sua história pra gente e contar um pouquinho da história do PET.

R – Quem comentou comigo lá no comecinho: “Ah, não, a gente está fazendo, tem esse projeto, essa ideia, não sei o que.” foi a Susana, ela comentou comigo. Sinto e percebo esse movimento como tendo deixado uma marca no Projeto Esporte e Talento porque o Projeto Esporte e Talento deixou uma marca em mim muito grande. É uma honra, é um reconhecimento do período em que eu passei aqui. Em termos de tempo, pensar em tempo, dois anos é pouca coisa, mas que foram dois anos intensos. Falar um pouco da minha história e falar da história do Projeto Esporte e Talento é... bom, se deixar eu fico falando aqui ad aeternum. É muito bom porque enquanto a gente está contando as emoções estão sendo sentidas da mesma forma como elas eram sentidas lá atrás, a gente resgata ali, abre o arquivo morto muitas vezes, tira uma lembrança de lá de dentro e, sensorial e emocionalmente, vive aquilo tudo de novo. Então é muito gostoso, é muito engrandecedor. E ao mesmo tempo ajuda no nosso próprio processo de avaliação, no processo de auto avaliação: “Caraca, olha o que eu já fiz, olha pra onde eu estou indo.” Quando você me pergunta de futuro: “Olha pra onde eu quero ir.” Então, a metodologia desse bate-papo ajuda realmente a gente a fazer essa linha do tempo, com reticências no final.

P1 – Então tá certo, Gregory. Em nome do Museu da Pessoa e do PRODHE eu agradeço muito a sua participação.